ACENDE A NOITE
ACCENDI LA NOTTE
ALLUME LA NUIT
ENCIENDE LA NOCHE
SWITCH ON THE NIGHT

SEBENTA DE CRIAÇÃO
CARNET DE CRÉATION
CREATION NOTES BOOK

TEATRO E BONECOS | THÉÂTRE ET POUPÉES | THEATRE AND DOLLS

TEXTO DE **JOSÉ CALDAS**
livremente inspirado na obra
de **Ray Bradbury**
POESIAS DE **JOÃO SOUSA BRAGA**

MAIORES DE 4 ANOS

ACENDE A NOITE

Um rapaz não gosta da noite. Ele ama todas as espécies de luzes e o sol amarelo. Seu quarto, no coração da noite, é o único iluminado em toda a cidade. Mas ele vê os outros rapazes que jogam à noite entre o claro-escuro dos lampiões. Ele também gostava de jogar mas... Um dia chega a escuridão, uma menina que brinca com ele. Uma história para nos fazer reflectir sobre o nosso medo da sombra, do nosso lado mais escondido e inquietante, mas cheio de maravilhas insuspeitadas.

SWITCH ON THE NIGHT

A boy hates darkness and loves the golden sunshine and every kind of light. His bedroom, in the deep of night, is the only one in the town with the lights on. But he can see the other boys playing outside in the light cast by the street-lamps and he would like to join them but... One day darkness comes, a little girl plays with him...

A story to make us think again about our fear of darkness, our darker side, full of unsuspected wonders.

ALLUME LA NUIT

Un garçon n'aime pas la nuit.
Il aime toutes sortes de lumières et le soleil jaune. Sa chambre dans la nuit est la seule illuminée dans toute la ville. Mais il voit les autres garçons qui jouent le soir et veut jouer lui aussi... Un soir vient l'obscurité, une jeune fille joue avec lui. Un prétexte pour parler de la peur et de l'ombre, de notre côté le plus caché et inquiétant mais plein de merveilles insoupçonnables.

ENCENAÇÃO E DRAMATURGIA

Em criança eu gostava muito de brincar com bonecas. Mas era terminantemente proibido. Bonecas era coisa de meninas. Como se o acto ameaçasse a nossa masculinidade inoculando o vírus do feminino. Ameaça que o poder do escuro, da noite, (yin), fizesse despertar no luminoso e quente (yang) masculino a parcela de mulher que habita o nosso selvagem coração.

O curto conto de Bradbury nos inspirou a reinventar teatralmente este estranho e exaltante prazer de contactar com a nossa parcela feminina. Poder brincar livremente com bonecas/marionetas que representam o nosso duplo neste grande espelho interior e reflexivo que é o teatro.

Entre a narração e vivência, entre o sonho e a realidade penetramos no interior da terra, no reino das deusas mães, para reacender a escuridão intuída na infância e recusada no adulto mundo da razão.

MISE EN SCÈNE ET DRAMATURGIE

Enfant, j'adorais jouer à la poupée. Mais c'était absolumment interdit. Les poupées étaient une affaire de filles. Comme si cela menaçait notre masculinité et nous inoculait le virus de la féminité. Comme si le pouvoir de l'obscurité, de la nuit (yin), menaçait de réveiller dans la lumineuse et chaude (yang) masculinité la parcelle de femme qui habite notre cœur sauvage.

Nous nous sommes inspirés du petit conte de Bradburry pour réinventer théâtralement cet étrange et exaltant plaisir d'entrer en contact avec notre parcelle féminine. Pouvoir jouer librement avec des poupées / marionnettes qui représentent notre alter ego dans ce grand miroir intérieur et réflexif qu'est le théâtre.

Entre la narration et le vécu, entre le rêve et la réalité, nous pénétrons à l'intérieur de la terre, dans le règne des déesses mères, pour rallumer l'obscurité intuitivement perçue dans l'enfance et refusée dans le monde adulte de la raison.

STAGE DIRECTION AND DRAMATURGY

As a child I loved playing with dolls. But it was strictly forbidden. Dolls were for girls. As if the act threatened our masculinity by inoculating us with the female virus. The fear that the power of darkness, of night (yin), might awaken the woman's part of our wild heart in our luminous, passionate (yang) masculine self.

Bradbury's short story has inspired us to recreate for the stage, the strange, uplifting delight of touching our feminine side,. The freedom to play with dolls / puppets which represent our other self in front of this great inner, soul-searching mirror which is the theatre.

In the nether-land between narration and experience, between dream and reality, we delve into the bowels of the earth, into the land of mother-goddesses, to light up once again the darkness we perceive in childhood and ignore in the adult world of reason.

A NOITE

A noite simboliza o tempo das gestações, das germinações, das conspirações, que desabrocharão em pleno dia como manifestação de vida. É rica em todas as virtualidades da existência. Porém, entrar na noite é regressar ao indeterminado, onde se misturam pesadelos e monstros, as ideias negras. A noite é a imagem do inconsciente e, no sono da noite, o inconsciente liberta-se. Como qualquer símbolo, a noite apresenta um duplo aspecto: o das trevas onde fermenta o futuro, e o da preparação do dia, donde brotará a luz da vida.

La nuit symbolise le temps des gestations, des germinations, des conspirations, qui éclateront au grand jour en manifestation de vie. Elle est riche de toutes les virtualités de l'existence. Mais entrer dans la nuit, c'est revenir à l'indéterminé, où se mêlent cauchemars et monstres, des idées noires. Elle est l'image de l'inconscient et, dans le sommeil de la nuit, l'inconscient se libère.

A LUZ

Luz e trevas constituem, geralmente, uma dualidade universal que exprime exactamente a do yang e do yin. Trata-se, em última instância, de correlações inseparáveis, as que o yin-yang representa, onde o yin contém o traço do yang,

e vice-versa. (...) A dualidade é também na gnose ismaelita, a do espírito e do corpo, símbolos dos princípios luminoso e obscuro que coexistem no mesmo ser.

Lumière et ténèbres constituent plus généralement une dualité universelle qui exprime exactement celle du yang et du yin. Il s'agit au demeurant de corrélatifs inséparables, ce que figure le yin-yang, dans lequel le yin contient la trace du yang et réciproquement. (...) La dualité est aussi, dans la gnose ismaélienne, celle de l'esprit et du corps, symboles des principes lumineux et obscur coexistant dans le même être.

In Dictionnaire des Symboles – Jean Chevalier et Alain Gheerbrant – Robert Laffont/Jupiter.

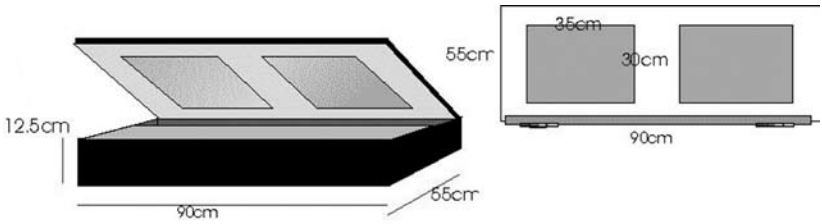
A SOMBRA

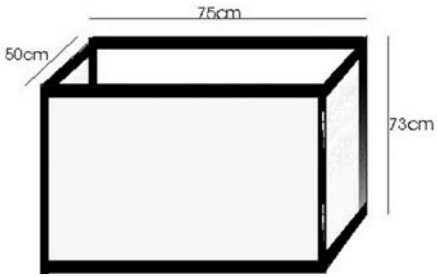
Através dos sonhos passamos a conhecer aspectos de nossa personalidade que, por várias razões, havíamos preferido não olhar muito de perto. É o que Jung chamou "realização da sombra." (Ele empregou o termo "sombra" para esta parte inconsciente da personalidade porque, realmente, ela quase sempre aparece nos sonhos sob uma forma personificada.) (...) Quando uma pessoa tenta ver a sua sombra ela fica consciente (e muitas vezes envergonhada) das tendências e impulsos que nega existirem em si mesma.

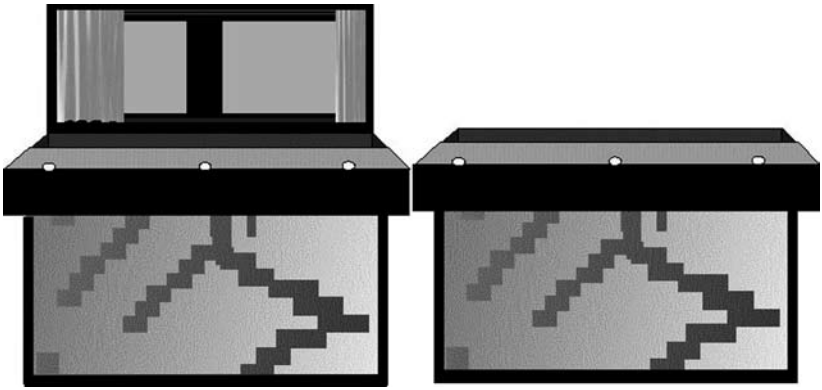
Attraverso i sogni si acquista coscienza degli aspetii della própria personalità che, per varie ragioni, non si desidera conoscere direttamente troppo da vicino. Questo è cio che Jung definisce "la coscienza dell'ombra" per indicare questa parte inconscia della personalità, perchè effettivamente essa manisfesta spesso nei sogni in forma personificata.) Quando un soggetto tenta di individuare ela sua "ombra", acquista coscienza (e spesso se ne vergogna) di quelle qualità e di quegli impulsi che nega in se stesso.

(In "O homem e seus símbolos – C.G.Jung)

CENOGRAFIA

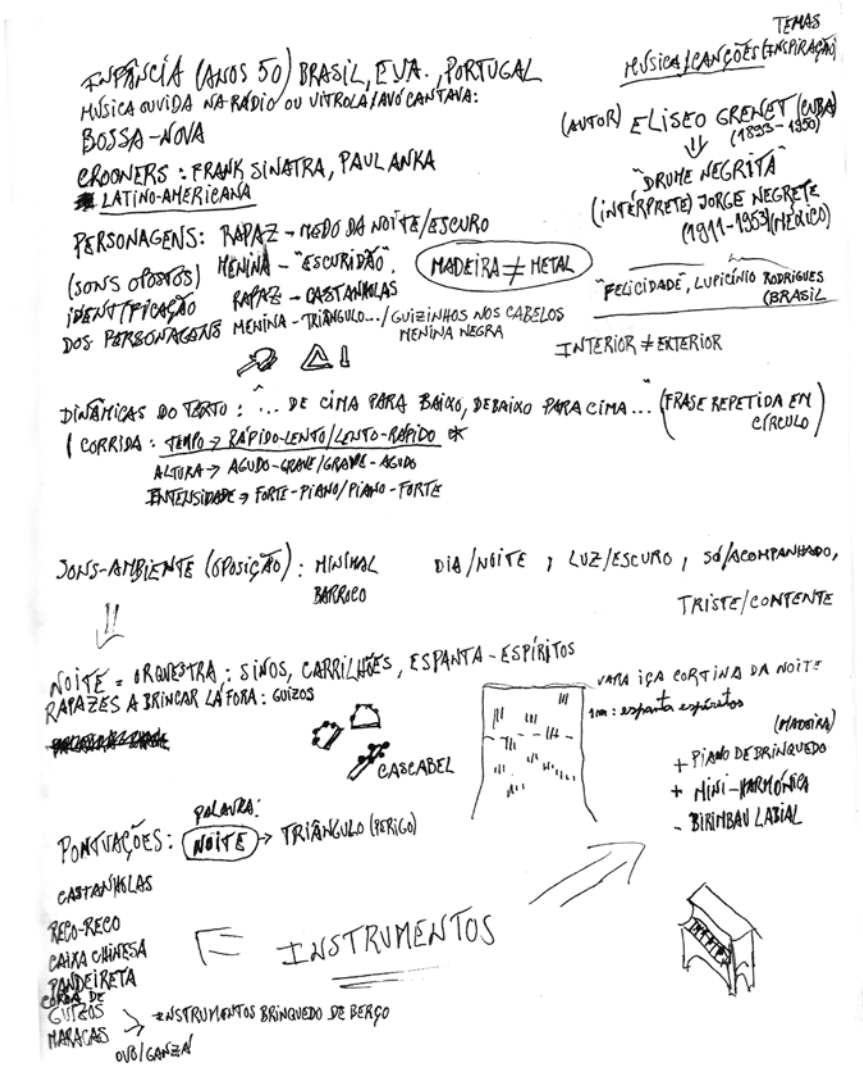






BONECOS

MÚSICA CÉNICA



EWA — Divindade do Candomblé

"DRUME NEGRITA" (ELISEO GRENET) CUBA 1893-1950
SÁNCHEZ

MAMÁ, LA NEGRITA,
SE LES SALEN LOS PIES LA CUNITA
Y LA NEGRA MERCÉ
YA NO SABE QUE HACÈ.

TÚ DRUME NEGRITA
SI TE DUERME VOY A HACÈ
UNA CUNITA
QUE A A TENÈ CAPITEL
QUE VA A TENÈ CASCABEL.

SI TÚ DRUMES
YO TE TRAIGO UN MAMEY
BIEN COLORAO.
Y SI NO DRUME
YO TE TRAIGO UN BABALAO
QUE DA PAO, PAO.

(INTERPRETE) BOLA DE NIEVE

CANÇÕES DE EMBALAR DE TRADIÇÃO ORAL:
"É TÃO TARDE/BOI DA CARA PRETA" (BRASIL)
"VAI-TE EMBORA, PAPÃO" (PORTUGAL, ALENTEJO)

INTERRUPTOR LUZ/ESCURO: ESTALAR DEDOS
EFEITO BORBOLETA ESVOAÇANTE

MINI-HARMÓNIO → RITMO "DRUME NEGRITA"
PIANO DE BRINQUEDO → MELODIA CANTADA
OU
BALANÇO DO PIANO

ARRUMAÇÃO/MUDANÇAS DE CENA:
"DRUME NEGRITA" TRAUTEADO + OVO (MARACA)

DINÂMICAS DO TEXTO:
"... MAS POR MUITO POUCO TEMPO..."
FRASE REPETIDA RITMO SILÁBICO COMO O TIC-TAC DO RELÓGIO
DEPOIS FICAR SÓ OS ESTACIDOS DA BOCA (CONSOANTES)
"... ESCUROS, ESCUROS, ESCUROS, ESCUROS..." SUBLINHAR RITMADO DA IDEIA

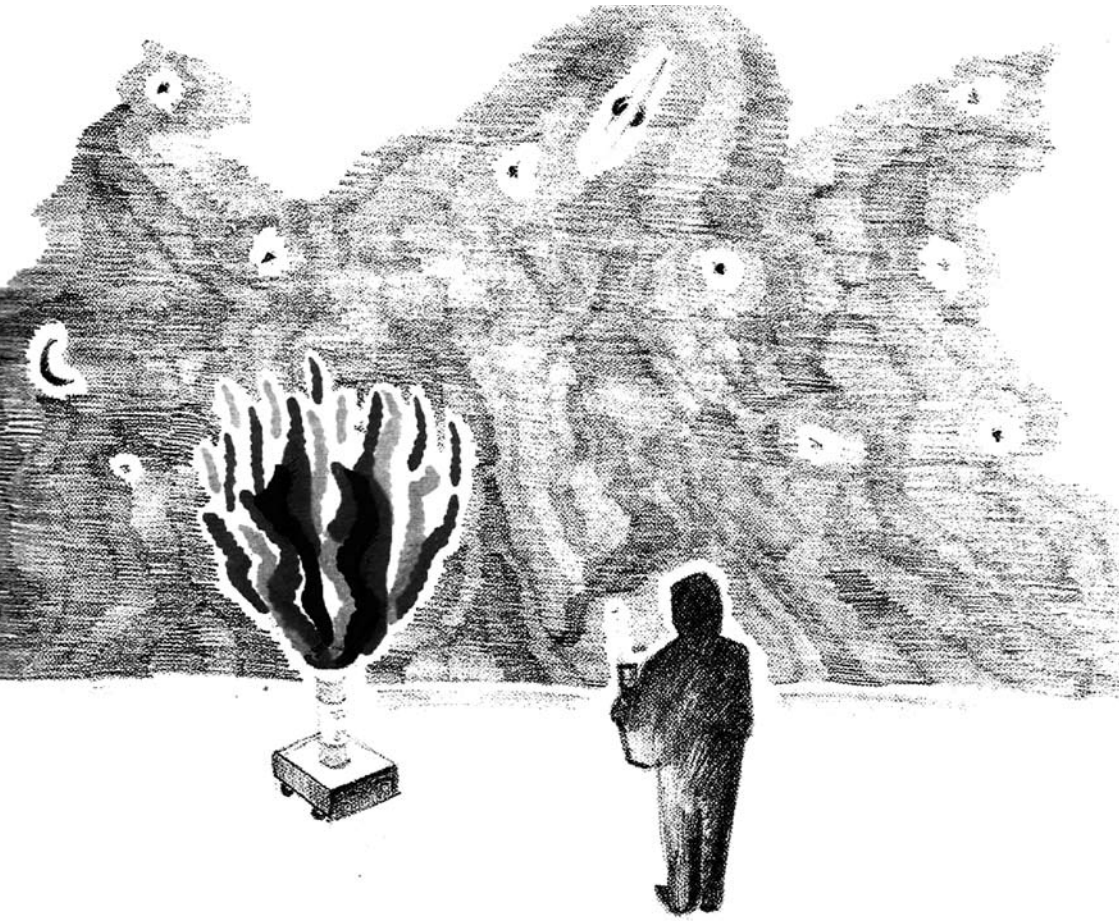
PUTO PIROTÉCNICO ?!? ACENDER FÓSFOROS APAGAR REPETIDAS VEZES...

LENGALENGA/TRAVA-LÍNGUA:
POEMA/LISTA DE SUPERMERCADO
— QUANDO APAGAM AS LUZES DO LUSTRE

CANÇÕES: . POEMA INICIAL — ACTOR/NARRADOR
. POEMA RAPARIGA: BLUES DA PRETINHA
. POEMA FINAL — ACTOR/NARRADOR
RELAÇÃO COM O TEMA-BASE

CORTINA DA NOITE QUE SOBE: MUITOS
ORQUESTRA DA NOITE → ESPANTA-ESPÍRITOS

ACENDE A NOITE
ACCENDI LA NOTTE
ALLUME LA NUIT



Acende a noite

RAY BRADBURY

Tradução de José Caldas e Graça Vilhena

Era uma vez um rapaz que não gostava da noite. Amava as lanternas e as lâmpadas, tochas e velas, fogos e fogueiras, labaredas e feixes de luz. Mas não amava a noite.

Podíamos ve-lo na sala e na cozinha, na cave e na despensa, no sotão e no quarto e à porta de casa a chegar alvoroçado. Mas nunca ~~podíamos ve-~~lo la fora, à noite.

Do que ele não gostava era dos interruptores. Porque os interruptores apagavam as luzes amarelas, as luzes verdes e as outras as luzes brancas, as luzes da entrada, as luzes da casa, as luzes dos quartos. Nunca tocava nos interruptores. E nunca ia bricar la fora, depois de escurecer.

Era muito sozinho. E infeliz.

Via da sua janela, os outros rapazes a brincar nos relvados nas noites quentes de verão. Os rapazes corriam por entre o escuro e a luz dos candieiros, de cima para baixo, debaixo para cima... felizes.

E o que era feito do nosso rapaz.

Continuava lá em cima, no quarto, com as lamparinas e lanternas, velas e candelabros, sozinho. Só amava o sol. O grande sol amarelo. E não amava a noite.

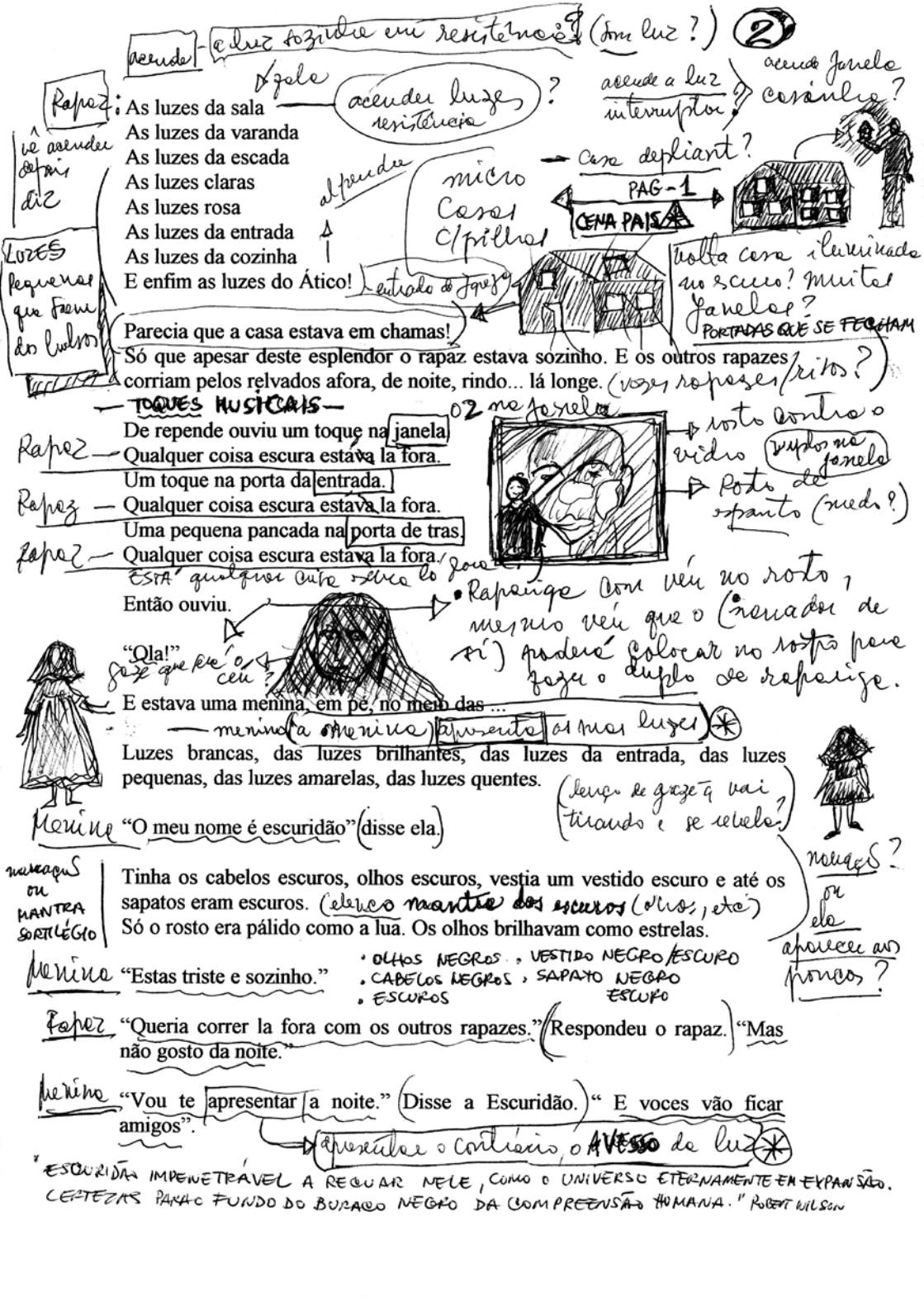
Quando chegava a hora do pai e da mãe apagar as luzes...

Uma de cada vez
Uma de cada vez
Primeiro as luzes da entrada
Depois as luzes do sala
A seguir as luzes claras
~~E ainda~~ as luzes rosa
As luzes da dispensa
E por último as luzes da escada.

Então o rapaz escondia-se na sua cama. Durante toda a noite a sua era a única janela iluminada de toda a cidade.

E uma noite, em que o pai tinha viajado e a mãe tinha ido cedo para a cama, o rapaz passeava sozinho pela casa.

"Meu Deus que brilho, tantas luzes."


acende a luz resistência?
(sem luz?)
2
Rapaz: As luzes da sala
As luzes da varanda
As luzes da escada
As luzes claras
As luzes rosa
As luzes da entrada
As luzes da cozinha
E enfim as luzes do Ático!
acender luzes resistência?
acende a luz interruptor?
acende janela carinho?
micro
Casa dupliant?
PAG-1
CENA PAISA
Casa c/filhos
entrada do jogo
Parecia que a casa estava em chamas!
Só que apesar deste esplendor o rapaz estava sozinho. E os outros rapazes corriam pelos relvados afora, de noite, rindo... lá longe.
— TOQUES MUSICAIS —
De repende ouviu um toque na janela
Rapaz — Qualquer coisa escura estava la fora.
Um toque na porta da entrada.
Rapaz — Qualquer coisa escura estava la fora.
Uma pequena pancada na porta de tras.
Rapaz — Qualquer coisa escura estava la fora.
Então ouviu.
"Ola!"
E estava uma menina, em pé, no meio das ...
— menina
Luzes brancas, das luzes brilhantes, das luzes da entrada, das luzes pequenas, das luzes amarelas, das luzes quentes.
Menina "O meu nome é escuridão" (disse ela.)
Tinha os cabelos escuros, olhos escuros, vestia um vestido escuro e até os sapatos eram escuros.
Só o rosto era pálido como a lua. Os olhos brilhavam como estrelas.
Menina "Estas triste e sozinho."
Rapaz "Queria correr la fora com os outros rapazes." (Respondeu o rapaz.) "Mas não gosto da noite."
Menina "Vou te apresentar a noite." (Disse a Escuridão.) " E voces vão ficar amigos".
"ESCURIDÃO IMPENETRÁVEL A REGUAR NELE, COMO O UNIVERSO ETERNAMENTE EM EXPANSÃO. CERTEZAS PARA O FUNDO DO BURACO NEGRO DA COMPREENSÃO HUMANA." ROBERT WILSON

3

E apagou a luz da entrada. (interruptor — sons metálicos)

Menina "Vês?" (Disse-lhe.) "A luz não se apagou. Não! Apenas acendemos a noite, da mesma maneira que acendes e apagas a luz. E com o mesmo interruptor!"

(NÃO FOI A LUZ QUE SE APAGOU!)

Rapaz "Nunca pensei que fosse assim."

(SONS MUSICAIS DOS INTERRUPTORES)

(APAGAR LUZ DA CAIXA DE ACRÍLICO?)

Menina "E quando acendes a noite." (Disse a Escuridão.) "Acendes também os grilos e acendes as rãs! E acendes as estrelas!"

apagou luzes? Candeeiro Lustre? uma a uma?

As luminosas estrelas
As brilhantes estrelas
As verdadeiras estrelas
As estrelas azuis
O céu é uma casa
Com as luzes da varanda
E as luzes da sala
E as luzes da dispensa
as luzes rosa
e as verdes,
as azuis
e as amarelas
as lampadas
as velas
e as luzes da entrada!

(cada grupo um interruptor?)?

MANTRA OU CANÇÃO TRADICIONAL PORTUGUESA REPETITIVA — LENGA LENGA ENCANTATÓRIA.

Mantra / Poema > Adriano Magalhães?

LUZES LUSTRE

lustre luminoso — dar lustre (Sopro?) — sons interruptor?

Cunqueda Joaninha de metal — Clic clac

O cão dos gatos quem consegue ouvir c/ as luzes acesas?

(?) Menina Os grilos, quem é que consegue ouvir com as luzes acesas?

(?) Rapaz Ninguem. (SONS DOS GRILOS ANTES DE DIZER)

E as rãs? Quem é que consaegue ouvir com as luzes acesas?

Ninguem. (SONS RÃS ANTES DE DIZER - TEMPO DE OUVIR)

sutabe stuby

Quem consegue ver as estrelas com a luz acesa?

Ninguem.

sutaber eire

E a lua quem é que consegue ver com as luzes acesas?

Ninguem. → luz de PAPEL?

lustre — sombra — sombra

Menina Vês o que estavas a perder! Não sabias que podias acender os grilos
Acender as rãs
Acender as estrelas
E a imensa lua?"

Sombra que se adivisa (sombra a dominar)

folha de PAPEL BRANCO ONDE APARECEM SOMBRAS DOS BICHOS

Rapaz "Não, nunca!" (disse o rapaz.)

Menina "Então experimenta". (Disse a Escuridão.)

(RAPAZ APAGA ÚLTIMA LUZ!)?

folha presa na caixilho janela

ESCADAS → que se fechem?

E assim fizeram.

Andaram de cima para baixo, debaixo para cima, correram pela casa toda a acender a noite. A acender o escuro. Para dar vida à noite em todos os recantos.

Rãs
Grilos
Estrelas
Lua!

E assim acenderam os grilos.
E assim acenderam as rãs
E assim acenderam a branca, doce lua.

VAGALUMES → (GRANDE ORQUESTRA DA NOITE GRAVADA - SOM SUBINDO LENTAMENTE)

4

Pausa toda a luz se apagar da noite.

(Julie quer negro com cabelos?)

Cacos de espelho

os vagalumes?

Contra-fuso de condição de teto?

Acção de Alice que noite — Som de Tudo o Bichos etc da noite?

Rapaz "Oh, que lindo, gosto tanto disto" disse o rapaz. "E eu posso sempre acender a noite?

Menina "Claro!" disse a Escuridão. E desapareceu. (DESAPARECER - ESCURA)

→ JOGO INTERRUPTORES
SOM - LUZ - ESCURO!

E o rapaz, que não amava a noite, ficou muito feliz. Gostava da noite. Descobriu que tem um interruptor para a noite invez de um normal interruptor para a luz. Passou a gostar dos interruptores. Já não precisa de velas, lampadas e lanternas, (mais crises q nos em fade out)

lamparinas, lampadários, lampiões etc feminino

E todas as noites de verão podemos ve-lo
A acender a branca lua
A acender as estrelas vermelhas → intensificar as luzes das estrelas
As azuis e as verdes
As luminosas estrela
As brancas estrelas → só agora Julie Tule estrelado?
A acender as rãs, os grilos
A dar vida à noite.
A correr no escuro... pelos relvados, com os outros rapazes, rindo, contentes.

Menina

(MÚSICA) GRANDE ORQUESTRA DA NOITE: → atriz de cantiga a dizer o último texto

RÃS — GRILOS — GATOS NO CIO — LOBOS — CORUJAS
CRIANÇAS A CORRER — NAMORADOS E BEIJOS —

E agora sou feliz; gosto da noite. É que agora tenho um interruptor que acende a noite, ~~invez~~ em vez dum (vulgar) normal interruptor que acende a luz. E de noite, se me quizerem encontrar estou a acender a luz prateada, as estrelas azuis e verdes, os olhos em fogo dos gatos, os vagalumes, o ~~suplício~~ dos namorados (a dar vida à noite, a acender a noite!

ACENDE A NOITE

TEXTO DRAMÁTICO DE **JOSÉ CALDAS**
LIVREMENTE INSPIRADO NO CONTO DE *RAY BRADBURY*
POESIAS DE **JORGE SOUSA BRAGA**

Sequência 1

(Meia luz, entra actor com lanterna, como se entrasse no sótão)

Actor – Para algumas pessoas a noite é o pior momento de cada dia. Elas não gostam de sentir a chegada da escuridão. Era isto o que acontecia comigo, eu era dessas pessoas. Tive de ir aprendendo por mim mesmo toda a alegria, todas as maravilhas e o estranho prazer que o grande mundo da escuridão nos pode dar.

Todos os homens têm a sua estrela
Uns maior outros pequenina
Uns de ouro ou de prata
Outros de lata fina

Todos os homens têm a sua estrela
Uns uma gigante vermelha outros uma anã
Todos os homens têm a sua estrela
A minha chama-se Aldebarã

(Sob o pano, no chão, alguma coisa se acende, luz difusa invade a cena. Actor começa a levantar o pano donde sai grande nuvem de pó, encontra sua caixa de criança, abre-a)

Actor – (Tirando um boneco – rapaz, seu duplo – e jogando com ele)

Era uma vez um rapaz que não gostava da noite.

Rapaz – Gosto das lanternas, das lâmpadas e das labaredas, das tochas e das velas, dos fogos, das fogueiras e dos feixes de luz. Mas da noite não gosto.

(Rapaz corre pela casa a repetir esta lengalenga)

Actor – Podíamos vê-lo na sala e na cozinha, na cave e na despensa, no sótão e no quarto e à porta de casa a chegar alvoroçado. Mas nunca o vemos lá fora, à noite.

Do que ele não gostava era dos interruptores. Porque os interruptores apagam:

Rapaz – As luzes amarelas, as luzes âmbar, as luzes ametistas, as luzes alaranjadas, as luzes verdes, as luzes vermelhas, as luzes vinho, as luzes brancas, as luzes da entrada, as luzes da casa, as luzes dos quartos.

Actor – Nunca tocava nos interruptores. E nunca ia brincar lá fora, depois do escurecer.

(Rapaz chora. Actor pega-o ao colo.)

Era muito sozinho e infeliz.

Actor – *(Abre caixa/ janela, coloca boneco à janela – Depois corre pela cena)*

Via da sua janela, os outros rapazes a brincar nos relvados nas noites quentes de verão. Os rapazes corriam por entre o escuro e a luz dos candeeiros, de cima para baixo, debaixo para cima... felizes.

(Actor no chão)

E o que era feito do nosso rapaz?

Continuava lá em cima, no quarto, com as lâmpadas, as lamparinas e as lanternas, velas, candelabros e candeias, sozinho.

Rapaz – Só gosto do sol. O grande sol amarelo. Não gosto da noite.
(Diz para o actor) Não gosto da noite. Não gosto!

Sequência 2

Actor – *(Actor fala para o público)*

Quando chegava a hora do pai e da mãe apagar as luzes...

Uma de cada vez
Uma de cada vez

Primeiro as luzes da entrada
Uma de cada vez.
Depois as luzes da sala
Uma de cada vez.
A seguir as luzes claras
Uma de cada vez
Depois as luzes rosa
As luzes da dispensa
E por último as luzes das escadas.

Então o rapaz escondia-se na sua cama. Durante toda a noite a sua era a única janela iluminada de toda a cidade.

Sequência 3

(Actor canta canção de embalar, arranja cenografia, deita o rapaz. Sombra do rapaz projectada na cortina. Rapaz conversa coma a sua sombra)

Rapaz – As nossas conversas deram-me uma ideia. Vou fazer como tu, quero também conservar o rasto das coisas. Por exemplo, já reparaste que em todos os verões fazemos e voltamos a fazer não sei quantas vezes uma data de coisas que já tínhamos feito no verão passado e no outro?

Sombra – Por exemplo?

Rapaz – Por exemplo: comprar o bronzeador novo, apanhar conchas na praia, mergulhar, beber litros de refrigerantes, ficar com os ouvidos entupidos... Todos os anos a mesma coisa, do mesmo modo, sem mudanças, sem diferenças... Mas isso é só a metade do verão.

Sombra – E qual é a outra metade?

Rapaz – A outra metade são as coisas que fazemos pela primeira vez.

Sombra – Como descobrir, por exemplo, que a mãe e o pai não sabem tudo?

Rapaz – Claro que sabem! Sabem tudo o que existe para saber!

Sombra – Não discutas. Isto eu já coloquei na secção das descobertas arqueológicas! Eles não sabem tudo.

Rapaz – És tola!

Sombra – Mas não é nenhum crime! Também descobri isso.

Rapaz – E que tolices mais descobriste?

(A sombra do rapaz funde-se com a sombra do actor)

Sombra – Que estou viva!

Rapaz – Esta já é velha.

Sombra – Pensar, dar por isso, é que é novo. Já reparaste que nós fazemos coisas e não prestamos atenção a elas? Depois, de repente, reparamos e vemos o que estamos a fazer e então, de facto, é a primeira vez.
Por exemplo: faz uma coisa já tua conhecida: levar um raspanete do pai e da mãe no verão.

Rapaz – Sim.

Sombra – Depois pensa nisto e põe o que tu pensaste, tolice ou não, na lista das revelações, eu coloquei o seguinte:
A razão das brigas entre os adultos e as crianças é que pertencem a raças diferentes.

Rapaz – Mas o que é que estás a dizer?

Sombra – Basta olhar para ver como eles são diferentes de nós, como somos diferentes deles. Somos de raças diversas.

Rapaz – (reflectindo) Será por isto que embirramos com o pai e a mãe? São raspanetes o dia todo.

Sombra – No próximo verão, sempre que vejas uma coisa a ser repetida, toma nota, no Outono fazemos o balanço e vemos o que conseguimos apurar.

Rapaz – Já tenho o resultado de um balanço para te dizer. No mundo existem sete mil milhões de árvores. Debaixo de cada árvore há uma sombra, não é verdade?

Sombra – Sim e depois?

Rapaz – Bom, o que é que faz ser noite?

Sombra – E o que é que faz ser noite?

Rapaz – Vou te dizer. São as sombras que saem debaixo de sete mil milhões das árvores! Pensa bem! Sete mil milhões de sombras que correm pelos ares fazendo turvar as águas. Se pudéssemos inventar uma maneira de obrigar estas sete mil milhões de sombras a ficar debaixo das árvores, podíamos continuar a pé enquanto quiséssemos, porque então não havia noite!

Sombra – Também os homens lançam grandes sombras sobre a relva, não é verdade?

Rapaz – Sim e depois?

Sombra – Depois, durante toda a vida, tentam agarrá-las. Mas as sombras são cada vez mais compridas. Só ao meio dia um homem consegue escondê-la debaixo do seu sapato. Mas por muito pouco tempo.

(A sombra desaparece. Actor baixa janela/tampa)

E uma noite, em que o pai tinha viajado e a mãe tinha ido cedo para a cama, o rapaz passeava sozinho pela casa.

Rapaz – Meu Deus que brilho, tantas luzes!

(Conforme ele canta o "mantra" as luzes do lustre vão se acendendo)

As luzes da sala
As luzes do salão
As luzes do saguão

As luzes da escada
As luzes da entrada

As luzes dos quartos
As luzes do sótão

As luzes claras
As luzes rosa
As luzes da cozinha

E enfim as luzes do alpendre.

Meu Deus que brilho, tantas luzes!
Parece que a casa está em chamas!

(Acende-se lentamente o lustre)

Actor – Só que apesar deste esplendor o rapaz estava sozinho. E os outros rapazes corriam pelos relvados a fora, de noite, rindo... lá longe.

Sequência 4

De repente ouviu um toque na janela.

Rapaz – Está qualquer coisa escura lá fora.

Actor – Um toque na porta da trás.

Rapaz – Está qualquer coisa escura lá fora.

Actor – Uma pequena pancada na porta da frente.

Rapaz – Está qualquer coisa escura lá fora.

(Ouve-se uma voz)

Rapariga – Olá. *(Aparece uma menina)*

Actor – E estava uma menina, em pé, no meio das...

luzes brancas, das luzes brilhantes. das luzes do saguão, das luzes do sala, das luzes da salão, das luzes pequenas, das luzes amarelas, das luzes quentes.

Rapariga – O meu nome é escuridão.

Actor –
Tinha cabelos escuros
Olhos escuros
Vestido escuro
Sapatos escuros
Escuros, escuros, escuros, escuros

O rosto era como a outra face da lua. Os olhos brilhavam como estrelas.

Rapariga *(Canta)*

Há dentro de ti uma estrela
Porque não a deixas brilhar?
Não receies cegar os outros
nem que estes te possam cegar

Há dentro de ti uma estrela
Mesmo que a luz seja fria
brilha tanto como as outras
e brilha de noite e de dia

Rapariga – Estás triste e sozinho.

Rapaz – Eu queria correr lá fora com os outros meninos. Mas não gosto da noite.

Rapariga – Vou te apresentar a noite. E vocês vão ficar amigos.

Actor – E apagou a luz da entrada.

Rapariga – Não! Não apaguei a luz. Não! Apenas acendi a noite, da mesma maneira que acendes e apagas a luz. E com o mesmo interruptor.

Rapaz – Nunca pensei que fosse assim.

Rapariga – E quando acendes a noite. Acendes também os grilos, e acendes as rãs! E acendes as estrelas!

(Menina canta música encantatória)

As luminosas estrelas
As brilhantes estrelas
As verdadeiras estrelas
As coloridas estrelas
As vermelhas
As brancas
O céu é uma casa
Com as luzes da entrada
Com as luzes da varanda
E as luzes da sala

E as luzes do salão
E as luzes do saguão
E as luzes da dispensa
As luzes rosas,
e as verdes,
as azuis
e as amarelas
as lâmpadas
as lamparinas
os lampiões
os lampadários
as velas
os candelabros
os candeeiros
as candeias
e as luzes do alpendre.

Os grilos, quem é que consegue ouvir com as luzes acesas?

Rapaz – Ninguém

E as rã? Quem é que consegue ouvir com as luzes acesas?

Rapaz – Ninguém.

E os vaga-lumes? Quem consegue ver com as luzes acesas?

Rapaz – Ninguém.

Quem consegue ver as estrelas com as luzes acesas?

Rapaz – Ninguém.

E a lua, quem é que consegue ver com as luzes acesas?

Rapaz – Ninguém.

Vês o que estavas a perder! Não sabias que podias
Acender os grilos
Acender as rãs
Acender os pirilampos
Acender as estrelas
E a imensa lua?

Rapaz – Não, nunca!

Menina – Então experimenta.

Actor – E assim fizeram. Andaram de cima para baixo, debaixo para cima, correram pela casa toda a acender a noite. A acender o escuro. Para dar vida à noite em todos os recantos.

Rapaz – Rãs, grilos, pirilampos, lua!

Actor *(Apagando as lâmpadas do lustre)*

E assim acenderam os grilos
E assim acenderam as rãs
E assim acenderam os vaga-lumes
E assim acenderam as estrelas
E assim acenderam a branca, doce lua.

(Actor sobe a cortina da noite)

Rapaz – Oh, que lindo, gosto tanto disto. E eu posso sempre acender a noite?

Rapariga – Claro! *(Desaparece na noite)*

Sequência 5

Actor – E o rapaz, que não amava a noite, ficou muito feliz. Gostava da noite. Descobriu que tem um interruptor para a noite em vez de um normal interruptor para a luz. Passou a gostar dos interruptores. Já não precisa de velas, lâmpadas e lanternas, lamparinas, lampadários...

E todas as noites de verão podemos vê-lo

Rapaz –
A acender a branca lua
A acender as estrelas vermelhas
As verdes e as azuis
As luminosas estrelas
As brancas estrelas

A acender as rãs, os grilos, os vaga-lumes
A dar vida à noite

Actor – A correr no escuro... pelos relvados, com os outros rapazes, rindo, contentes.

As estrelas também gostam de brincar às escondidas
A maioria das vezes escondem-se umas atrás das outras
Ou nas imediações de um quasar
Mas não há melhor lugar
Para uma estrela se esconder
Que num buraco negro
Elas vêm as outras
E ninguém as consegue ver.

Sequencia 6

Actor – E agora sou feliz; gosto da noite. E se me quiserem encontrar estou a acender a lua prateada, as estrelas azuis e verdes, os olhos em fogo dos gatos, os pirilampos, os suspiros dos namorados, a dar vida à sombra, a acender a noite.

Fim

ACCENDI LA NOTTE

TESTO TEATRALE DI **JOSÉ CALDAS**
LIBERAMENTE ISPIRATO AL RACCONTO DI **RAY BRADBURY**
POESIE DI **JORGE SOUSA BRAGA**

TRADUZIONE DAL PORTOGHESE DI **L. PERISSINOTTO**

Prima Sequenza

(luce a metà, entra in scena l'attore con la lanterna, come se entrasse in una soffitta)

Tutti gli uomini hanno la loro stella
Alcuni grande, altri piccolina
Chi d'oro o d'argento
Altri di latta sottile

Tutti gli uomini hanno la loro stella
Alcuni una gigante rossa, altri una nana
Tutti gli uomini hanno la loro stella
La mia si chiama Aldebaran

Attore – Per alcune persone, la notte è il peggior momento della giornata. Esse non gradiscono l'arrivo dell'oscurità. Era questo che succedeva a me, io ero una di queste. Dovevo ancora imparare sulla mia pelle tutta l'allegria, tutte le meraviglie e l'insolito piacere che il grande mondo dell'oscurità ci può dare.

(sotto un panno, sul pavimento, qualcosa si accende, una luce diffusa invade la scena. L'attore solleva pian piano il panno da cui esce una grande nuvola di polvere, trova la sua cassetta dei giochi d'infanzia, la apre)

Attore – (estrae un burattino – è il suo doppio, ragazzo - e ci gioca)

C'era una volta un ragazzo, a cui non piaceva la notte.

Ragazzo – Mi piacciono le lanterne, le lampade e le fiamme, le torce e le candele, i fuochi, i falò e i fasci di luce. Ma non mi piace la notte.

(il Ragazzo corre per la casa, ripetendo questa tiritera)

Attore – Possiamo vederlo in salotto e in cucina, in cantina e in dispensa, in soffitta e in camera, e arrivare agitato sulla porta di casa. Mai, però, là fuori nella notte.

Quel che proprio non gli piaceva erano gli interruttori della luce. Perché gli interruttori spengono:

Ragazzo – Le luci gialle, le luci ambrate, le luci ametista, le luci arancione, le luci verdi, le luci rosse, le luci color vino, le luci bianche, le luci dell'ingresso, le luci della casa, le luci delle stanze.

Attore – Non toccava mai gli interruttori. E non giocava mai là fuori, all'imbrunire.

(il Ragazzo piange. L'attore lo prende per il collo e lo mette seduto sulla sua spalla)

Era molto solo e infelice.

Attore – (tranello/trappola coi quadrati di acrilico/vetro della finestra; accosta la faccia al vetro ed anche il burattino s'affaccia per guardare – rumori infantili di risate e di corse)

Vedeva dalla sua finestra, gli altri ragazzi giocare sui prati nelle caldi notte d'estate. I ragazzi correvano, tra il buio e il fascio di luce dei lampioni, dall'alto verso il basso, dal basso verso l'alto...felici.

(l'attore si allontana dalla finestra)

E cosa fa il nostro ragazzo?

Continuava a star lassù, nella stanza, con le lampade, i lumini e le lanterne, candele, candelabri e lucerne, tutto solo.

Ragazzo – Preferisco di gran lunga il sole. Il grande sole giallo. Non mi piace la notte.

Seconda Sequenza

Attore – (si allontana verso il fondo della scena, con una piccola casa dalle finestre illuminate; chiude le finestre, mentre dice:)

Quando arrivava l'ora in cui il padre e la madre spegnevano le luci...

Una alla volta
Una ad una
Prima le luci dell'ingresso
Poi le luci del salotto
A seguire le luci chiare
Poi le luci rosa
Le luci della dispensa
E da ultimo, le luci delle scale.

Allora, il ragazzo si nascondeva nel suo letto. Durante tutta la notte, la sua era l'unica finestra illuminata di tutta la città.

Terza Sequenza

(Attore canta la ninna-nanna; sistema la scenografia, mette a letto (distende) il ragazzo.
Ombra del ragazzo proiettata su una tenda. Il ragazzo parla con la sua ombra)

Ragazzo – Le nostre conversazioni mi hanno suggerito un'idea. Farò come te, voglio anche conservare la traccia delle cose. Per esempio, ci hai fatto caso che ogni estate facciamo e torniamo a fare, non so quante volte, qualcosa che abbiamo già fatto l'estate scorsa e nell'altra ancora?

Ombra – Per esempio?

Ragazzo - Per esempio: comprare l'abbronzante nuovo, raccogliere conchiglie sulla spiaggia, tuffarsi, bere litri di bibite rinfrescanti, restare con le orecchie intasate...Tutti gli anni la stessa cosa, nello stesso modo, senza cambiamenti, senza differenze...E questo è solo la metà dell'estate.

Ombra – E qual è l'altra metà?

Ragazzo – L'altra metà sono le cose che facciamo per la prima volta.

Ombra – Come scoprire, ad esempio, che la madre e il padre non sanno tutto?

Ragazzo – Certo che sanno! Sanno tutto ciò che c'è da sapere!

Ombra – Non discutere! Questo l'ho già messo nella sezione delle scoperte archeologiche! Loro non sanno tutto!

Ragazzo – E' falso!

Ombra – Ma non è neanche un delitto! Scoprii anche questo.

Ragazzo – E che altre stupidaggini scopristi?

(l'ombra del Ragazzo si fonde con quella dell' attore)

Ombra – Che sono viva!

Ragazzo – Questa è proprio vecchia!

(letterale, propongo di sostituire con: Questa è buona! Questa è già sentita!).

Ombra – Pensare, stai attento, è il fatto nuovo. Ti sei forse accorto che facciamo alcune cose non prestando loro attenzione? Poi, improvvisamente, corriamo ai ripari e vediamo ciò che stiamo facendo e allora, di fatto, è come se fosse la prima volta. Per esempio, immagina qualcosa che conosci: ricevere un rimprovero da tuo padre e da tua madre, in estate.

Ragazzo – Sì.

Ombra – Pensaci intensamente e poi metti ciò che hai pensato, stupido o no, nella lista delle rivelazioni; io la metto così: la ragione dei litigi tra adulti e bambini sta nel fatto che appartengono a razze diverse.

Ragazzo – Ma cosa stai dicendo?

Ombra – Basta guardare per vedere come loro sono differenti da noi, come noi siamo differenti da loro. Siamo delle razze diverse.

Ragazzo – (riflettendo) Sarà per questo che non sopportiamo il padre e la madre? Sono rimproveri tutto il giorno.

Ombra – Nella prossima estate, sempre che tu veda una cosa ripetuta, prendi nota; in autunno facciamo il bilancio e vediamo ciò che riusciamo a concludere.

Ragazzo – Posso già dirti il risultato di un bilancio. Nel mondo esistono sette milioni di alberi. Sotto ogni albero c'è un'ombra, è vero?

Ombra – Sì e poi?

Ragazzo – Bene, cos'è che fa la notte ?

Ombra – Cos'è che fa esser notte, la notte?

Ragazzo – Te lo dirò. Sono le ombre che escono da sotto dei sette milioni di alberi! Pensaci bene! Sette milioni di ombre che corrono nell'aria, intorbidando le acque. Se potessimo scoprire il modo di obbligare questi sette milioni di ombre a restare sotto gli alberi, potremmo continuare a camminare fin quanto vogliamo, perché intanto non ci sarebbe notte!

Ombra – Anche gli uomini gettano grandi ombre sull'erba, non è vero?

Ragazzo – Sì e dopo?

Ombra – Dopo, durante tutta la vita, tentano di afferrarle. Ma le ombre sono ogni volta più lunghe. Solo a mezzogiorno un uomo ottiene di nasconderla sotto le sue scarpe. Però per molto poco tempo.

(l'ombra scompare. L'attore chiude la finestra/coperchio)

E una notte, in cui il padre era in viaggio e la madre era andata presto a letto, il ragazzo passeggiava tutto solo per la casa.

Ragazzo – Mio Dio che splendore di luci!

(a suo modo canta il "mantra" , le luci del lampadario vanno accendendosi)

Le luci della sala
Le luci del salotto
Le luci del cortile

Le luci della scala
Le luci dell'ingresso

Le luci delle stanze
Le luci della soffitta

Le luci chiare
Le luci rosa
Le luci della cucina

Infine, le luci del portico.

Sembrava che la casa fosse in fiamme!

Attore – Solo che, nonostante questo splendore, il ragazzo era solo. Mentre gli altri ragazzi correvano nei prati là fuori, di notte, ridendo... lontano.

(Ragazzo al vetro della finestra – suoni di risate degli altri bambini)

Quarta Sequenza

Attore – All'improvviso, sentì un leggero tocco alla porta posteriore (battuta preceduta da un tocco)

Ragazzo – C'è qualcosa di oscuro là fuori.

Attore – Un tocco alla porta d'entrata.

Ragazzo - C'è qualcosa di oscuro là fuori.

Attore – Un piccolo colpo alla finestra.

Ragazzo - C'è qualcosa di oscuro là fuori.

(Si sente una voce)

Ragazza – Ciao.

Attore – C'era una ragazza, in piedi, nel mezzo delle ...

(Appare la ragazza)

luci bianche, delle luci brillanti, delle luci del cortile, delle luci della sala, delle luci del salotto, delle piccole luci, delle luci gialle, delle calde luci.

Ragazza – Il mio nome è Oscuro

Attore – Aveva capelli scuri
Occhi scuri
Vestito scuro
Scarpe scure
Scuro, scuro, scuro, scuro.

Il suo viso era come l'altra faccia della luna. Gli occhi brillavano come stelle.

Ragazza – C'è una stella dentro di te
Perché non la lasci brillare?
Non aver paura degli altri
neanche se questi possono accecarti.

C'è una stella dentro di te
Anche se la luce sembra fredda,
risplende tanto quanto le altre
e brilla notte e giorno.

Sei triste e solo.

Ragazzo – Mi piacerebbe correre là fuori come gli altri ragazzi. Ma non sopporto la notte.

Ragazza – Ti presenterò alla notte. E diventerete amici.

Attore – E spense le luci dell'ingresso

Ragazza – Vedi? Non ho spento la luce. No! Semplicemente s'è accesa la notte, nella stessa maniera in cui tu accendi e spegni la luce. E con lo stesso interruttore.

Ragazzo – Non ho mai pensato che fosse così.

Ragazza – E quando tu accendi la notte, tu accendi anche i grilli, e accendi le rane. E accendi le stelle!

(l'attore cala il lampadario sopra la tavola, la ragazza tocca le luci che si spengono)

Le luminose stelle
Le brillanti stelle
Le vere stelle
I colori delle stelle
Le rosse
Le bianche
Il cielo è una casa
Con le luci dell'ingresso
Con le luci della veranda
E le luci della sala

E la luci del salotto
E le luci del cortile
E le luci della dispensa
Le luci rosa
Le luci verdi
Le luci azzurre
e le gialle
Le lampade
I lumini
I lampioni
I lampadari
Le candele
I candelabri
Le lampare
Le lucerne
e le luci del portico.

Ragazza – Chi può sentire i grilli con la luce accesa?

Ragazzo – Nessuno.

Ragazza – E le rane? Chi può sentirle con la luce accesa?

Ragazzo – Nessuno.

Ragazza – E le lucciole? Chi può vederle con la luce accesa?

Ragazzo – Nessuno.

Ragazza – Chi può veder le stelle con la luce accesa?

Ragazzo – Nessuno.

Ragazza – E la luna, chi può vederla con la luce accesa?

Ragazzo – Nessuno.

Ragazza – Capisci cosa stavi perdendo? Non sapevi che si poteva
Accendere i grilli
Accendere le rane
Accendere le lucciole
Accendere le stelle
e la immensa luna?

Ragazzo – No, mai!

Ragazza – Allora, prova!

Attore – E così fecero. Andarono su e giù, correndo ad accedere la notte per tutta la casa. Per accendere l'oscurità. Per far vivere la notte in ogni angolo.

(Si spegne l'ultima luce ... entra la luce azzurra della notte ...l'attore dispiega la grande tenda della notte piena di stelle, i suoni/rumori della notte in crescendo)

Ragazzo – Rane, grilli, lucciole, stelle, luna!

Attore – E così accesero i grilli
E così accesero le rane
E così accesero le lucciole
E così accesero le stelle
E così accesero la bianca, dolce luna.

Ragazzo – Come è bello, mi piace tanto! Io posso sempre accendere la notte?

Ragazza – Certo!
(scompare avvolta nella notte)

Quinta Sequenza

Attore – Ed il ragazzo che non amava la notte, ora è molto felice. La notte gli piace. Scopre che ha un interruttore per la notte al posto di un normale interruttore per la luce. Comincia ad apprezzare gli interruttori. Non gli servono più ora le candele, lampade e lanterne, lumini, lampadari".

In tutte le notti d'estate possiamo vederlo...

Ragazzo – Accendere la bianca luna
Accendere le stelle rosse
Le verdi e le azzurre
Le luminose stelle
Le bianche stelle
Accendere le rane, i grilli, le lucciole
Accender di vita la notte

Attore – A correre nel buio... per i prati, come gli altri ragazzi, ridendo, contenti.

Anche alle stelle piace giocare a nascondino
La maggior parte delle volte si nascondono una dietro l'altra
O nelle immediate vicinanze di un quasar
Per una stella
non c'è miglior posto
per nascondersi
di un buco nero
Lei vede le altre
e nessuno riesce a vederla

Sesta Sequenza

(Attore dietro la tenda della notte)

Attore – Ora sono felice; amo la notte. Il fatto è che adesso possiedo un interruttore che accende la notte, al posto di un normale interruttore per accende la luce. Di notte, se volete trovarmi, mi potete vedere mentre sto accendendo la luna argentata, le stelle azzurre e verdi, gli occhi fluorescenti dei gatti, le lucciole, i sospiri degli innamorati. Sto dando vita all'ombra, accendendo la notte.

(musica della grande orchestra della notte)

FINE

ALLUME LA NUIT

TEXTE DRAMATIQUE DE **JOSÉ CALDAS**
INSPIRÉ LIBREMENT DU CONTE DE **RAY BRADBURY**
TRADUCTION DE **JEAN CAMILLE GIRARDEAU**

Première partie

(Demi-lumière, l'acteur entre avec une lanterne, comme s'il entrait dans un grenier)

Tous les hommes ont une étoile
Grande pour les uns, petite pour les autres
En or ou en argent pour les uns
En fer blanc pour les autres

Tous les hommes ont une étoile
Géante et rouge pour les uns, minuscule pour les autres
Tous les hommes ont une étoile
La mienne s'appelle Aldebaran

L'acteur – Pour certaines personnes, la nuit est le pire moment de la journée. Elles n'aiment pas voir tomber l'obscurité. Moi aussi, j'étais comme ça. Et j'ai dû apprendre par moi-même toute la joie, toutes les merveilles et l'étrange plaisir secret que peut nous apporter le monde infini de l'obscurité.

(Sous le voile quelque chose s'allume, une lumière diffuse envahit la scène. L'acteur commence à soulever le voile, d'où sort un grand nuage de poussière, et retrouve sa boîte d'enfant. Il l'ouvre.)

L'acteur – (il en retire une poupée garçon, son double, et joue avec lui)
Il était une fois un garçon qui n'aimait pas la nuit.

Le garçon – J'aime les lanternes, les lampes et les flammes, les torches et les bougies, les feux, les brasiers et les faisceaux de lumière. Mais je n'aime pas la nuit.
(le garçon court dans la maison en répétant cette ritournelle)

L'acteur – On pouvait le voir dans le salon ou dans la cuisine, dans le bureau ou dans la chambre, au grenier ou à la cave, ou à la porte de la maison arrivant tout essoufflé. Mais on ne l'avait jamais vu dehors la nuit.
Ce qu'il n'aimait pas c'était les interrupteurs. Parce que les interrupteurs éteignent.

Le garçon – Les lumières jaunes, les lumières ambrées, les lumières améthyste, les lumières orangées, les lumières vertes, les lumières rouges, les lumières violettes, les lumières blanches, les lumières de l'entrée, les lumières de la maison, les lumières de la chambre.

L'acteur – Il ne touchait jamais aux interrupteurs. Et il n'allait jamais jouer dehors lorsqu'il faisait nuit.
Il vivait très seul et malheureux.

L'acteur – *(installe cadre en acrylique / verre fenêtre et appuie le visage, la poupée vient voir aussi – bruits d'enfants riant et courant)*
Par sa fenêtre il regardait les autres garçons qui jouaient sur les pelouses, pendant les nuits chaudes d'été. Les garçons couraient entre l'obscurité et la lumière des réverbères, de ci de là, par ci par là... heureux.

Et que faisait donc notre garçon ?

Il restait là-haut, dans sa chambre, au milieu des lampes, des lampions, des lanternes, des bougies, des candélabres et des chandelles, tout seul.

Le garçon – Je n'aime que le soleil. Le grand soleil jaune. Je n'aime pas la nuit.

Deuxième partie

L'acteur – *(Il se retire vers le fond de la scène en portant une maisonnette aux fenêtres illuminées. Il ferme les fenêtres en disant :)*

Quand venait l'heure, pour son père et sa mère, d'éteindre les lumières...

Une à la fois
Une à la fois
D'abord les lumières de l'entrée
Ensuite les lumières du salon
Puis les lumières claires
Ensuite les lumières roses
Les lumières du bureau
Et enfin les lumières de l'escalier.

Alors le garçon se cachait dans son lit. Pendant toute la nuit, la seule fenêtre illuminée de toute la ville était la sienne.

Troisième partie

(L'acteur chante une berceuse, arrange les décors et couche le garçon. L'ombre du garçon projetée sur le rideau se confond avec l'ombre de l'acteur. Le garçon converse avec son ombre.)

Le garçon — Tu sais, nos conversations m'ont donné une idée. Je vais faire comme toi, je vais garder la trace des choses. Par exemple, as-tu déjà remarqué que tous les étés nous faisons et refaisons je ne sais combien de fois des choses que nous avions déjà faites les étés précédents ?

L'ombre — Par exemple ?

Le garçon — Par exemple, acheter une nouvelle crème solaire, ramasser des coquillages sur la plage, plonger, boire des litres de jus de fruits, avoir les oreilles bouchées... Tous les ans la même chose, de la même façon, sans changements, sans différences... Mais c'est seulement la moitié de l'été.
L'ombre : Et quelle est l'autre moitié ?

Le garçon — L'autre moitié ce sont les choses que nous faisons pour la première fois.

L'ombre — Comme découvrir, par exemple, que papa et maman ne savent pas tout ?

Le garçon — Bien sûr que si ! Ils savent tout ce qu'on peut savoir !

L'ombre — Ne discute pas ! Cela fait partie de mes découvertes archéologiques ! Ils ne savent pas tout.

Le garçon — Tu es bête !

L'ombre — Mais ce n'est pas un crime ! J'ai aussi découvert cela.

Le garçon — Et quelles autres bêtises as-tu encore découvert ?

L'ombre — Que je suis vivante !

Le garçon — Celle-là, elle est vieille.

L'ombre — Mais c'est d'y penser, de s'en rendre compte, qui est nouveau. As-tu déjà remarqué que nous faisons des choses sans y faire attention ? Puis, tout d'un coup, nous observons ce que nous faisons, et c'est alors, en fait, la première fois.

Par exemple, une chose que tu connais déjà : se faire gronder par papa et maman pendant l'été.

Le garçon — Oui.

L'ombre : Ensuite, réfléchis et écris ce que tu en penses. Bêtise ou non, dans la liste des révélations j'ai écrit ceci : « La raison des disputes entre les adultes et les enfants c'est qu'ils appartiennent à des races différentes ».

Le garçon — Mais qu'est-ce que tu racontes ?

L'ombre — Il suffit de regarder pour constater qu'ils sont différents de nous, et que nous sommes différents d'eux. Nous sommes de races différentes.

Le garçon — *(réfléchissant)* Et c'est pour cela que nous ne pouvons pas nous entendre avec papa et maman ? Ce sont des réprimandes à longueur de journée.

L'ombre — L'été prochain, chaque fois que tu verras une chose se répéter, prends note. À l'automne nous ferons le bilan et verrons ce que nous pouvons en conclure.

Le garçon — J'ai déjà le résultat d'un bilan à te donner. Dans le monde il existe sept millions d'arbres. Sous chaque arbre, il y a une ombre, n'est-ce pas ?

L'ombre — Oui, et après ?

Le garçon — Eh bien ! qu'est-ce qui fait que la nuit tombe ?

L'ombre — Qu'est-ce qui fait que la nuit tombe ?

Le garçon — Je vais te le dire. Ce sont les ombres qui sortent de dessous ces sept millions d'arbres ! Réfléchis bien ! Sept millions d'ombres qui courent dans l'air en faisant frémir les eaux. Si nous pouvions inventer une façon d'obliger ces sept millions d'ombres maudites à rester sous les arbres, nous pourrions rester debout tout le temps que nous voulons, parce qu'alors il n'y aurait plus de nuit!

L'ombre — Les hommes aussi font de grandes ombres par terre, n'est-ce pas ?

Le garçon — Oui, et après ?

L'ombre — Après, pendant toute leur vie ils essaient de les attraper. Mais leurs ombres sont de plus en plus longues. Et c'est seulement vers midi qu'un

homme réussit à cacher son ombre sous ses chaussures. Mais, pour peu de temps.

(L'ombre disparaît. L'acteur baisse la fenêtre/couvercle)

Une nuit, alors que son père était en voyage et que sa mère s'était couchée très tôt, le garçon descendit se promener seul dans la maison.

Le garçon – Mon Dieu ! quelle clarté ! que de lumières !

(pendant qu'il chante un mantra, les lumières du lustre s'allument une à une)

Les lumières du salon
Les lumières de la salle à manger
Les lumières du vestibule
Les lumières de l'escalier
Les lumières de l'entrée
Les lumières des chambres
Les lumières du grenier
Les lumières claires
Les lumières roses
Les lumières de la cuisine
Et enfin les lumières de la terrasse

On dirait que toute la maison est en feu!

L'acteur – Seulement voilà. Malgré toutes ces splendeurs, le garçon était toujours seul. Pendant que les autres garçons couraient sur les pelouses, dehors, dans la nuit, riant au loin.

(Le garçon à la vitre de la fenêtre – bruits de rires, grands éclats de rire, des autres garçons)

Quatrième partie

Soudain, il entendit un coup à la fenêtre. *(Paroles précédées d'un coup)*

Le garçon – J'aperçois dehors quelque chose de sombre.

L'acteur – Un coup à la porte d'entrée.

Le garçon – J'aperçois dehors quelque chose de sombre.

L'acteur – Un petit coup à la porte de derrière.

Le garçon – J'aperçois dehors quelque chose de sombre.

(On entend une voix)

La petite fille – Coucou!

L'acteur – Il y avait une petite fille, debout, au milieu des...

(La petite fille apparaît petit à petit)

lumières blanches, des lumières brillantes, des lumières du vestibule, des lumières de la salle à manger, des lumières du salon, des petites lumières, des lumières jaunes, des lumières chaudes.

La petite fille – Mon nom est obscurité.

L'acteur –

Elle avait les cheveux noirs
Les yeux noirs
Une robe noire
Des souliers noirs
Noirs, noirs, noirs, noirs

Seul son visage était pâle comme la lune. Ses yeux brillaient comme des étoiles.

La petite fille –

Il y a au fond de toi, une étoile
Pourquoi ne la laisses-tu pas briller ?
N'aie pas peur d'aveugler les autres
N'aie pas peur d'être aveuglés par eux.

Il y a au fond de toi, une étoile
Même si la lumière est froide
Elle brille autant que les autres
Et autant la nuit que le jour

La petite fille – Tu es triste et seul.

Le garçon – Je voudrais aller jouer dehors avec les autres garçons. Mais je n'aime pas la nuit.

La petite fille – Je vais te présenter la nuit. Et vous allez devenir amis.

L'acteur – Et elle éteignit la lumière de l'entrée.

La petite fille – Tu vois ? Je n'ai pas éteint la lumière. Pas du tout! J'ai seulement allumé la nuit, de la même façon que tu allumes et éteins la lumière. Et avec le même interrupteur.

Le garçon – Je n'avais jamais imaginé ça.

La petite fille – Et quand tu allumes la nuit, tu allumes aussi les grillons, tu allumes aussi les grenouilles ! Et tu allumes les étoiles !

(l'acteur descend le lustre au-dessus de la table ; la petite fille touche les lumières qui s'éteignent)

Les étoiles lumineuses
Les étoiles brillantes
Les étoiles véritables
Les étoiles colorées
Les rouges
Les blanches
Le ciel est une maison
Avec les lumières de l'entrée
Avec les lumières de la véranda
Et les lumières de la salle à manger
Et les lumières du salon
Et les lumières du vestibule
Et les lumières du bureau
Les lumières roses
Et les vertes
Les bleues
Les jaunes
Les lampes
Les candélabres
Les réverbères
Les lampadaires
Les bougies
Les chandeliers
Les lustres

Les lanternes
Et les lumières de terrasse

Les grillons, qui réussit à les entendre avec les lumières allumées ?

Le garçon – Personne.

Les grenouilles, qui réussit à les entendre avec les lumières allumées ?

Le garçon – Personne.

Les vers-luisants, qui réussit à les voir avec les lumières allumées ?

Le garçon – Personne.

Qui réussit à voir les étoiles avec les lumières allumées ?

Le garçon – Personne.

Et la lune, qui réussit à la voir avec les lumières allumées ?

Le garçon – Personne.

Tu vois tout ce que tu perdais ! Tu ne savais pas que tu pouvais allumer les grillons
Allumer les grenouilles
Allumer les vers-luisants
Allumer les étoiles
Et l'immense lune ?

Le garçon – Non, je ne savais pas.

La petite fille – Alors, essaie !

L'acteur – Et c'est ce qu'ils firent. Dans toute la maison, de haut en bas, de bas en haut, ils commencèrent à allumer la nuit. A allumer l'obscurité. Pour donner vie à la nuit, dans tous ces recoins.

(La dernière lumière s'éteint... Apparaît la lumière bleue de la nuit... l'acteur monte sur le grand rideau de la nuit peins d'étoiles – musique – sons de la nuit en crescendo)

Le garçon – Des grenouilles, des grillons, des vers-luisants, des étoiles, la lune!

L'acteur –
Et c'est ainsi qu'ils allumèrent les grillons
Et c'est ainsi qu'ils allumèrent les grenouilles
Et c'est ainsi qu'ils allumèrent les vers-luisants
Et c'est ainsi qu'ils allumèrent les étoiles
Et c'est ainsi qu'ils allumèrent la blanche et douce lune.

Le garçon – Oh ! Que c'est joli ! J'adore ! Et je pourrai toujours allumer la nuit?

La petite fille – Bien sûr ! (elle disparaît, enveloppée par la nuit)

Cinquième partie

L'acteur – Et le garçon qui n'aimait pas la nuit, devint très heureux. Il aimait la nuit. Il avait découvert qu'un interrupteur ordinaire pour la lumière était, en fait, un interrupteur pour la nuit. Il devint fou des interrupteurs. Il n'avait plus besoin de bougies, de lampes, de lanternes, de chandelles, de lampadaires...

Désormais toutes les nuits d'été, on peut le voir

Le garçon –
Allumer la blanche lune
Allumer les étoiles rouges
Les vertes et les bleues
Les étoiles lumineuses
Les étoiles blanches
Allumer les grenouilles, les grillons, les vers-luisants
Donner vie à la nuit

L'acteur – Courir dans l'obscurité.... Sur les pelouses, avec les autres garçons, riant de contentement.

Les étoiles aussi aiment bien jouer à cache-cache
La plupart du temps elles se cachent les unes derrière les autres
Ou à proximité d'un quasar
Mais il n'y a pas de meilleur cachette
Pour une étoile
Qu'un trou noir
Elles voient les autres
Et personne ne peut les voir

Sixième partie

(L'acteur derrière le rideau de la nuit)

L'acteur — Maintenant je suis heureux. J'aime la nuit. Maintenant j'ai un interrupteur qui allume la nuit, au lieu d'un banal interrupteur qui allume la lumière. Et la nuit, si vous voulez me trouver, je suis en train d'allumer la lune argentée, les étoiles bleues et vertes, les yeux étincelants des chats, les vers-luisants, les soupirs des amoureux ; je suis en train de donner vie à l'obscurité ; je suis en train d'allumer la nuit.

(sons du grand orchestre de la nuit)

FIN

FICHA TÉCNICA

Encenação
e interpretação
JOSÉ CALDAS

Cenografia
JOSÉ ANTÓNIO CARDOSO

Bonecos
MARTA SILVA

Música
e Assistência de Encenação
MIGUEL RIMBAUD

Construção
de Cenografia
RUI AZEVEDO

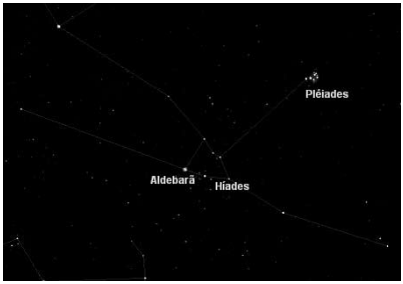
Operação de luzes
ARTUR RANGEL

Fotografias
SANDRA RAMOS

Luzes
EQUIPA DE CRIAÇÃO

Design Gráfico
MARTA BRAZ

Agradecimentos
GRAÇA VILHENA
PÉ DE VENTO
LOREDANA PERISSINOTTO
JEAN CAMILLE GIRARDEAU
MÁRIO MOUTINHO
SEBASTIANA FADDA
SUSANNE ROSLER
TEATRO ART'IMAGEM
DAVID EVANS
LUIS MOTA DE CASTRO
MARÍLIA ANDRADE
MANUELA PAULOS
ALEXANDRE MANIÉS



ALDEBARÃ

É uma estrela vermelha gigante com o diâmetro quarenta vezes maior que o do sol. É uma das mais brilhantes do Hemisfério Norte. É a estrela da constelação de Touro mais próxima do olho esquerdo da sua cabeça.

quinta
parede

quintaparede@clix.pt
www.scholaris.info/quintaparede/

Membro da ATINJ – Associação de Teatro
para a Infância e Juventude
www.atinj.pt